

DestaqueUEÁfrica

Relações entre os dois continentes

“África precisa de todos e não deve ser tratada de forma infantil”

Entrevista

António Rodrigues

Carlos Lopes O antigo director da Comissão Económica da ONU diz que cimeira será “umêxito de fachada”

O antigo director da Comissão Económica da ONU para África anda por estes dias atarefado com a realização da cimeira União Europeia-África. Mesmo assim, o economista guineense, professor da Escola de Governação Pública Nelson Mandela, na África do Sul, aceitou responder ao PÚBLICO por escrito sobre um acontecimento que não se realiza desde 2017, mas a que não augura grandes feitos: “Os líderes africanos jogarão o jogo, querem atenção e sabem que esta é a melhor forma de a obter. Mas, na realidade, o que conta é que esta cimeira não mudará estruturalmente as relações” entre os dois continentes. **Não teme que com o continente europeu preso a um possível conflito na Ucrânia, a cimeira acabe por ter menos impacto do que poderia ter?** Acho que a cimeira continua a ser uma referência sobre as relações entre os dois continentes, num momento de tensão geopolítica mundial. Todos notaram que houve sucessivos adiamentos desta cimeira, que não há reuniões a este nível desde 2017 e que as negociações entre continentes sobre várias frentes tiveram sobressaltos, de que eu, aliás, sou testemunha. Não é por acaso que quando o Presidente do Conselho se deslocou a Addis-Abeba para a Cimeira da União Africana, em 2019, não lhe foi permitida a participação, tendo sido salvo pelos hóspedes etíopes que lhe permitiram discursar no jantar do país anfitrião. O Presidente sul-africano não escondeu o seu desagrado em relação ao comportamento europeu em relação às vacinas, às restrições de circulação de africanos,

demonstrando dois pesos e duas medidas e, mais particularmente, sobre a resistência europeia em matéria de liberalização de patentes para que as vacinas possam ser manufacturadas no continente. A tensão na Ucrânia entre os países ocidentais e a Rússia, com laivos de aliança desta com a China, é o mesmo debate que se observa em África, com as tensões de França com a Rússia ou da narrativa sobre a necessidade de grandes projectos europeus e americanos em África para contrabalançarem a influência chinesa.

Ursula von der Leyen foi ao Senegal anunciar um primeiro pacote de investimentos no valor de 150 mil milhões de euros. Este valor vai fazer a diferença?

Dividido pelo número de anos que o Global Gateway cobre e olhando para o que está orçamentado na Comissão para a África para o mesmo período, não se chega a estes valores. Só se pode concluir que o montante do *Global Gateway* pode, sim, ser próximo do actual se se tomar em conta outros actores. Existe o desejo da Comissão de refinar o *marketing* e ter um *branding* europeu para tudo o que fazem outras instituições e países europeus. Ou seja, estamos perante um anúncio e não de um programa concreto, pois duvido fortemente que essas várias instituições e países aceitem uma tal coordenação, como, aliás, a própria Comissão já confessou não estar a conseguir. De qualquer das formas, o tempo dos anúncios unilaterais sem sistemas de seguimento e negociações de ambas as partes já passou. África tem agora seis décadas de ajuda ao desenvolvimento para analisar e a primeira conclusão é de que foi sempre relegada a um papel de fornecedor de matérias-primas não-transformadas e a uma marginalidade nos indicadores económicos. O principal fornecedor de ajuda, a Europa, não se pode abstrair deste resultado.

Quais são as áreas em que a UE se deve focar em termos de investimento, e porquê?

Os africanos fizeram saber desde 2018 que tinham quatro áreas de priorização na relação continente a continente: paz e segurança,



“África têm seis décadas de ajuda ao desenvolvimento e a primeira conclusão é de que foi sempre relegada a um papel de fornecedor de matérias-primas não-transformadas e a uma marginalidade nos indicadores económicos

migrações, comércio e mudanças climáticas. As restantes áreas são para relações entre a Europa e os respectivos países, não a nível da União Africana. Quando se imagina a relação comercial, pensa-se na Zona de Livre Comércio Africana e como se deve permitir que ela integre os mercados africanos para permitir a industrialização e o valor acrescentado das matérias-primas. No campo da transição climática, pode imaginar-se que África é parte da solução mundial, a vários títulos: possui minerais estratégicos, tem o maior potencial de energias renováveis e pode ser o grande apoio para a escala de hidrogénio verde, necessária para a transição climática na Europa. Investimentos que potenciem estas estratégias são prioritários, começando pela infra-estrutura de transportes e a expansão da capacidade digital. **A iniciativa *Global Gateway* vai a tempo de contrapor a influência chinesa no continente?** Acho contraproducente pensar nesses termos. A China é um dos

maiores investidores na Europa e no mundo e apenas 4% dos seus investimentos vão para África. Se faz figura no continente, é por haver tão pouco de outras origens. África precisa de mais de todos e não deve ser tratada de forma infantil como se estivesse que escolher qual é o professor mais bonito. Aquilo que se está a passar com a desigualdade na distribuição das vacinas e o facto de a UE e os EUA e, na generalidade, o mundo ocidental ter pensado primeiro em si próprio e continuar a discutir mais doses de reforço quando África continua a ser um continente com baixas taxas de vacinação não vai tornar os países menos receptivos em relação aos europeus quando tiverem que optar entre eles e os chineses. A pandemia deixou marcas negativas no continente em relação a muitos, não só europeus: o Canadá, que açambarca quatro vezes mais vacinas do que precisa, os EUA, que demoraram até levantarem o embargo às



NUNO FERREIRA SANTOS

exportações de vacinas, a China, que não fala de fabricar vacinas no continente de forma clara, e também os europeus, que são contra o levantamento de restrições nas patentes ou que reprogramaram o que estava acordado para programas de desenvolvimento para utilizar na compra de vacinas que muitas vezes chegam a África tarde, com prazos de validade curtos e sem se aproximar dos volumes prometidos.

Aquilo que se passou com a África do Sul e a Ómicron não vai deixar marcas?

Vai, estamos todos estupefactos porque quando a ciência africana descobre, o continente paga por ser solidário, honesto... e capaz.

De que modo a presença cada vez mais crescente da Rússia no continente poderá desestabilizar o equilíbrio de forças em África?

África está a ser o terreno de disputa geopolítica. Inclui países, movimentos como o Estado Islâmico [Daesh] ou outros grupos

“

A UE e a UA tinham acordos muito específicos em matéria de paz e segurança e a parte europeia mudou esse entendimento, passando agora a tomar as suas decisões unilateralmente

jihadistas e países como a Turquia, a Arábia Saudita ou o Qatar. A Rússia, a China e os países ocidentais não podiam estar ausentes. Estes desenvolvimentos são preocupantes porque, no conjunto, diminuíram a capacidade de resolução africana de conflitos.

Em Maio de 2020, já depois do começo da pandemia, disse-nos que o perdão da dívida aos países africanos era essencial para os ajudar a recuperar do impacto da pandemia, mas isso não chegou a acontecer. Deveria ser algo a discutir com os parceiros africanos?

Mas não vai ser discutido. A ideia do Presidente Macron, de um dito *New Deal*, que de novo tem pouco, é a de poder utilizar os direitos de tiragem especial do FMI, não-usados por países europeus, para aumentar a quota de acesso dos africanos a recursos da organização. Supondo que isso funcionasse como desejado, certamente serviria para a contabilidade criativa do *Global Gateway*, mas não resolveria o problema de fundo, pois não se trata de resolver o peso da dívida, mas de aumentar o acesso a liquidez.

O Presidente do Senegal, Macky Sall, disse na conferência de imprensa conjunta com Von der Leyen, em Dacar, que a UE e a UA deveriam cooperar na área da segurança e estabilidade, na luta contra o terrorismo, mas a verdade é que a França foi afastada do Sahel, em Cabo Delgado é o Ruanda que está a fazer o papel da França por interposta força e há países africanos que se estão a voltar para a Rússia. Neste domínio, as duas organizações têm perspectivas diferentes?

O que eu sei é que a UE e a UA tinham acordos muito específicos em matéria de paz e segurança e que a parte europeia mudou esse entendimento, passando agora a tomar as suas decisões na matéria unilateralmente. O resultado líquido será uma perda de legitimidade das intervenções europeias, o que lastimo, pois esta era a área onde a cooperação, até recentemente, tinha os melhores resultados práticos.

O que terão as duas organizações de acordar e estabelecer para que esta cimeira possa ser considerada um êxito?

A cimeira vai ser um êxito de fachada, com muitos anúncios e uma competição velada em relação à China. Esta será a narrativa. Os líderes africanos jogarão o jogo, querem atenção e sabem que esta é a melhor forma de a obter. Mas, na realidade, o que conta é que esta cimeira não mudará estruturalmente as relações e será, nesse sentido, um pouco limitada aos tais anúncios.

Projecto-piloto na área das TIC

A inesperada parceria Lituânia-Nigéria pode ser um exemplo para migração legal

Maria João Guimarães

Quem diria que a Lituânia ia ser o país europeu a desenvolver um programa-modelo para imigração qualificada de África? Ou que um plano dedicado a parcerias de tecnologias de informação acabe como um projecto-piloto para ajudar à vinda de pessoas qualificadas para a União Europeia que são necessárias nos países europeus?

A Lituânia não é um dos “suspeitos do costume” no que diz respeito à relação com países africanos, comenta Mante Makalauskaite, co-fundadora e directora da AfriKo, a organização que está por trás do projecto *Digital Explorers* (que conta também com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Lituânia), numa chamada de vídeo com o PÚBLICO: não tem tradição de cooperação em desenvolvimento, é um país pequeno, com população homogénea.

Se o ponto de partida ser a Lituânia é inesperado, o país africano escolhido para uma parceria no campo das tecnologias de informação e comunicação (TIC) ser a Nigéria não tem nada de surpreendente, diz Makalauskaite: um país com um sector muito dinâmico de *startups* e empresas de tecnologia, grande, com uma população jovem.

Do ponto de vista da Nigéria, a Lituânia era uma entidade desconhecida. “Lituânia? Onde está o meu mapa?”, diz, a brincar, Ajibola Ladoja, analista de dados que depois de participar no programa trabalha hoje em análise de consumidor na Western Union, em Viena. Depois de ver no mapa, e investigar um pouco mais, descobriu: “Um país de três

milhões, isso é uma pequena parte da Nigéria.”

Ajibola Ladoja foi uma das participantes no projecto *Digital Explorers*, que é apresentado como “uma das possíveis soluções para a falta de especialistas na UE”. Estas “parcerias de talentos” ajudam a fazer ligações e a combinar as qualificações de que os países europeus precisam e a oferta nos países terceiros, segundo Magdalena Jagiello, adjunta da Unidade de Vias Legais e integração na Direcção-Geral de Migração e Assuntos Internos, citada num comunicado sobre o programa.

Mas a ideia inicial do *Digital Explorers* era ligar mercados e pessoas, diz Makalauskaite. “Nunca nos considerámos um projecto de migração.”

O objectivo do programa é ter um equilíbrio entre pessoas que cheguem e fiquem algum tempo na Lituânia, outras que possam voltar com melhor currículo, e criar oportunidades para todos, incluindo para empresas da Lituânia: uma empresa lituana que abriu uma sucursal em Abuja. “Se não fosse este projecto, nunca pensariam na Nigéria.” Outro efeito: a Lituânia não tem uma embaixada na Nigéria, mas abriu centros para vistos em Abuja e Lagos.

Por tudo isto, Makalauskaite antecipa-se logo a potenciais críticas de saída de jovens dos seus países: “Não gosto da expressão *brain drain*.” Nem as “pessoas são propriedade do país”, nem se espera que fiquem para sempre na Lituânia.

Das 26 pessoas que participaram no programa, 18 ficaram. Ajibola Ladoja foi uma delas. Em Março de 2020 chegou a Viena, mesmo quando estava a começar a pandemia, depois de ter ficado impressionada com o programa numa *hackathon* em que participou.

A trabalhar agora numa empresa a fazer o que gosta, admite que, quando pensar ter filhos, poderá regressar à Nigéria com a ideia de fundar uma empresa que trabalhe para os dois mercados.

Apesar do sucesso do programa, Makalauskaite diz que replicá-lo é difícil porque as regras de imigração dos países são diferentes, e mesmo a directiva do Cartão Azul, que permite a pessoas de países de fora da UE que sejam altamente qualificadas viver no bloco para trabalhar, também têm problemas: por exemplo, a definição do que são pessoas com muitas qualificações. “O que é uma analista de dados júnior, que não tem muita experiência, mas está num campo com muita procura?”, pergunta.



Participantes no programa *Digital Explorers*